

## MAIS UMA CHANCE

**\*Roberto Rodrigues**

A forte seca que os agricultores americanos estão enfrentando tem duras conseqüências para a economia dos Estados Unidos, mas abre uma grande oportunidade para outros países, inclusive o Brasil.

A safra de milho deles pode ter uma quebra sobre a estimativa inicial ao redor dos 100 milhões de toneladas. Para se ter uma idéia de grandeza disso, a safra brasileira completa (safra de verão + safrinha) será de 72,78 milhões de toneladas. Ou seja: a quebra deles é maior que a nossa colheita total!

Agora o governo americano está às voltas com uma dura decisão a tomar, e as pressões de todos os lados são poderosas. Os produtores de frango, suínos e produtos lácteos estão pressionando para o governo retirar o apoio à produção de etanol de milho. Se isso for aceito pelo governo, boa parte do cereal que iria para fabricação de etanol será destinada aos setores de proteína animal, o que pode mitigar o aumento dos preços destes produtos. Mas, em contrapartida, os Estados Unidos terão que importar muita gasolina a mais (afinal, no ano passado eles produziram 52,8 bilhões de litros de álcool), encarecendo este combustível e criando uma espiral inflacionária que ninguém sabe onde iria parar.

Para evitar isso, o governo teria que manter o apoio ao etanol. Como conseqüência, os custos de produção de leite e derivados, frango e suínos, subiriam muito, sacrificando enorme parcela da população usuária destes alimentos.

Portanto, o governo está entre a cruz e a caldeirinha, e qualquer decisão terá impacto negativo, em um ano eleitoral muito perigoso, visto que os dois candidatos à Presidência da República (Obama e Romney) estão praticamente empatados nas pesquisas de intenção de votos.

Os produtores rurais perderão menos que os demais setores, graças às políticas protecionistas vigorosas do governo, mas mesmo assim o descontentamento dos consumidores em geral pode ser um novo fiel da balança eleitoral.

Claro que Obama sempre poderá fazer o papel de vítima de São Pedro, o que também é verdade mas, e daí?

Do lado de baixo do Equador, este desastre pode ter um interessante desdobramento, ou mais que um, dependendo de como se comportarão os governos do hemisfério sul.

Os preços do milho já subiram – e com eles os da soja, “sócios” que são ambos os cereais nas composições de rações pelo mundo todo – e as operações de exportação estão crescendo acima das expectativas. Com isso, os produtores brasileiros, argentinos e vizinhos já estão melhorando a sua renda.

Mas é preciso aproveitar esta tragédia americana para pensar além deste ano. Não podemos, mais uma vez, simplesmente buscar o fugaz benefício da janela aberta, porque ele pode se fechar logo.

A seca americana deixou exposta a grande fragilidade dos sistemas produtivos mundiais. Esta quebra de produção não será compensada em um único ano, e muito provavelmente terá reflexos ainda nas duas próximas safras. Além disso, a China está se transformando em grande compradora de milho também, como já é de soja, de olho no aumento da sua produção avícola.

Isto quer dizer que estamos diante de mais do que uma janela conjuntural: estamos diante de uma oportunidade estrutural de nos firmarmos mundialmente como produtores, e não apenas de milho ou soja. Claro que americanos – e também chineses – quererão comprar nossos grãos para transformá-los em carnes lá, e não aqui.

Mas temos que bater o pé, aproveitar estes 2 ou 3 anos de desequilíbrio e montar uma rápida estratégia de maior produção de carnes para a exportação, estabelecendo acordos comerciais baseados nas necessidades deles.

E mais ainda: vamos voltar a produzir etanol para exportar. Já éramos exportadores para os Estados Unidos e deixamos de fazê-lo exatamente porque não fomos capazes de estabelecer um plano que desse clareza ao setor sucroenergético de seu futuro. E lá estamos nós, ridículos, importando álcool de milho dos Estados Unidos. Mas isso também não vai poder continuar, e, como o consumo interno de combustível segue crescendo, acabaremos importando gasolina mais cara do que pagamos em nossos postos, o que já está acontecendo.

Em resumo, há uma demanda global que nos dará um fôlego por mais duas safras, e temos que aproveitar isso para montar um programa que inclua a infraestrutura e a logística essenciais para nos firmarmos definitivamente no mercado de alimentos e energia.

Se tivermos juízo, podemos ir ainda mais longe, condicionando a exportação destes produtos à de suco de laranja, setor que vive uma das maiores crises dos anos recentes.

O consumo de suco de laranja caiu, os estoques são elevados, o preço despencou. A indústria está deixando cair a laranja precoce, as perdas dos citricultores são muito grandes. As entidades do setor não se entendem na questão do Consecitrus, e a Sociedade Rural Brasileira faz um enorme esforço, meio escoteira, para encaminhar este tema com dignidade frente a um setor industrial concentrado. De repente, a crise americana pode sim ajudar a resolver isso. É preciso juntar o setor privado e o governo e trabalhar com agilidade nesta nova chance que a história nos oferece. O cavalo está passando arreado, pedindo pra gente montá-lo. Somos bons cavaleiros. Os produtores querem cavalgar... o governo precisa segurar as rédeas com eles.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo.**